

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE LETRAS E LINGUÍSTICA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS: FRANCÊS E
LITERATURAS DE LÍNGUA FRANCESA

ANA LUIZA GONÇALVES RIBEIRO

**HETEROTOPIAS DO FEMININO: O (NÃO) LUGAR DE EMMA
BOVARY NA SOCIEDADE PATRIARCAL**

UBERLÂNDIA

2024

ANA LUIZA GONÇALVES RIBEIRO

**HETEROTOPIAS DO FEMININO: O (NÃO) LUGAR DE EMMA
BOVARY NA SOCIEDADE PATRIARCAL**

Artigo científico apresentado ao curso de Letras: Francês e Literaturas de Língua Francesa da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Letras: Francês e Literaturas de Língua Francesa.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Marli Cardoso dos Santos Carrijo

UBERLÂNDIA

2024


ANA LUIZA GONÇALVES RIBEIRO

**HETEROTOPIAS DO FEMININO: O (NÃO) LUGAR DE EMMA BOVARY NA
SOCIEDADE PATRIARCAL**


Artigo científico apresentado ao Instituto de Letras e Linguística, da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Letras: Francês e Literaturas de Língua Francesa.

Uberlândia, 25 de abril de 2024.


BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **MARLI CARDOSO DOS SANTOS CARRIJO**
Data: 07/05/2024 10:14:48-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^ª. Dr^ª. Marli Cardoso dos Santos Carrijo (orientadora)
Universidade Federal de Uberlândia

Documento assinado digitalmente
 **CAMILA SOARES LOPEZ**
Data: 07/05/2024 13:52:34-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^ª. Dr^ª. Camila Soares López (examinadora)
Universidade Federal de Uberlândia

Documento assinado digitalmente
 **ANDREA DE CASTRO MARTINS BAHIENSE**
Data: 07/05/2024 14:02:09-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^ª. Dr^ª. Andrea de Castro Martins Bahiense (examinadora)
Universidade Federal de Uberlândia

AGRADECIMENTOS

Conversar sobre o que eu estudo é algo que me enche de orgulho. Desde criança, me interessava em ler livros e compartilhar com outras pessoas as interpretações e sentimentos que determinadas obras me causavam. Encontrava nas narrativas um certo refúgio, como se eu pudesse ficar imersa no enredo e esquecesse o mundo à minha volta. Poderia me teletransportar para qualquer realidade que estava sendo descrita, sem precisar sair do lugar. A literatura me salvou. Não acreditava na minha capacidade de cursar uma licenciatura até que entrei no curso de Letras, pois conheci pessoas maravilhosas, tanto colegas quanto professores, que me fizeram acreditar que eu era, sim, capaz de ser tudo o que eu quisesse ser. Por isso, serei eternamente grata a essas pessoas por me permitirem sonhar, me incentivar a ter força de vontade para realizar o que eu desejo e acreditarem em mim, até quando eu mesma não acreditava. Um agradecimento especial à minha orientadora, Marli, que me guiou por todo o caminho, me dando todo o suporte que eu precisava, compreendendo os meus limites, além de me auxiliar dentro e fora do ambiente acadêmico desde o início da graduação.

Além disso, gostaria de agradecer à minha mãe e aos meus irmãos, que sempre me apoiaram em absolutamente tudo na minha vida, e que me deram forças para que eu conseguisse continuar todos os dias, me dizendo para não desistir que o melhor estava por vir. E veio. Também aos meus amigos, que estiveram ao meu lado em momentos de aflição e ansiedade, me acalmando de maneira com que eu pudesse pensar de forma clara para tomar decisões em situações difíceis, por me acompanharem nessa jornada tão importante para a minha formação, e por vibrarem comigo a cada vitória que eu conquistava.

Por fim, dedico esse trabalho ao meu pai, Luciano, que, infelizmente, não está mais aqui, mas que, enquanto esteve, foi o melhor amigo que eu poderia ter. Tenho certeza que ele estaria orgulhoso da pessoa que me tornei, e venho me tornando a cada dia que passa.

“Écrire, c’est ce qui m’a rendu ma liberté”

Nekfeu

RESUMO

Este artigo científico visa analisar a construção da personagem feminina da obra *Madame Bovary*, de Gustave Flaubert, e como o espaço ficcional pode contribuir no desenvolvimento dessa personagem na narrativa e, para isso, as teorias sobre o espaço de Gaston Bachelard e Michel Foucault serão nosso principal embasamento. Isto posto, é necessário explorar os conceitos de espaço e heterotopia, para construir uma relação entre o elemento feminino representado e o espaço heterotópico em que ele ocorre. Os estudos espaciais permitem uma compreensão e associação entre a mulher e o lugar em que ela ocupa, tanto físico, quanto na sociedade. Dessa maneira, é realizada uma introdução sobre os autores e suas teorias para retomar a discussão do tema. A pesquisa acentua a importância de estudar os espaços literários e heterotópicos no romance de modo a identificar, analisar e relacionar esses espaços ao contexto narrativo.

Palavras-chave: Personagem feminina; espaço; heterotopia; mulher.

RÉSUMÉ

Cet article scientifique vise à analyser la construction du personnage féminin dans l'œuvre *Madame Bovary* de Gustave Flaubert et comment l'espace fictionnel peut contribuer au développement de ce personnage dans le récit. Pour ce faire, les théories sur l'espace de Gaston Bachelard et Michel Foucault seront notre principal fondement. Ainsi, il est nécessaire d'explorer les concepts d'espace et d'hétérotopie afin d'établir une relation entre l'élément féminin représenté et l'espace hétérotopique dans lequel il se produit. Les études spatiales permettent une compréhension et une association entre la femme et le lieu qu'elle occupe, tant physiquement que dans la société. De cette manière, une introduction est réalisée sur les auteurs et leurs théories afin de reprendre la discussion sur le sujet. La recherche souligne l'importance d'étudier les espaces littéraires et hétérotopiques dans le roman afin d'identifier, d'analyser et de relier ces espaces au contexte narratif.

Mots-clés : personnage féminin ; espace ; hétérotopie ; femme.

ABSTRACT

This article aims to analyze the construction of the female character in the work *Madame Bovary*, by Gustave Flaubert, and how fictional space can contribute to the development of this character in the narrative. For this, the theories about space by Gaston Bachelard and Michel Foucault will be our main basis. That said, it is necessary to explore the concepts of space and heterotopia to build a relationship between the represented female element and the heterotopic space in which it occurs. The spatial studies allow an understanding and association between women and the place they occupy, both physically and in society. In this way, an introduction is made about the authors and their theories to resume the discussion of the topic. The research emphasizes the importance of studying literary and heterotopic spaces in the novel in order to identify, analyze, and relate these spaces to the narrative context.

Keywords: Female character; space; heterotopia; woman.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. CONTEXTO HISTÓRICO E O REALISMO FRANCÊS	10
3. ESPAÇOS LITERÁRIOS E A CONSTRUÇÃO DA PERSONAGEM FEMININA.....	13
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	17
5. REFERÊNCIAS.....	18

1. INTRODUÇÃO

Definir o lugar que ocupamos no mundo, na sociedade e com nossos pares pode parecer uma tarefa simples, mas muitas vezes, é um desafio. Algumas pessoas possuem lugar de destaque e são respeitadas. Outros grupos lutam para conseguir esse espaço, ou mesmo, o direito de estarem presentes nesses espaços. Quando falamos em lugar ocupado pelas mulheres, não conseguimos, em muitos momentos, delimitar, porque são proibidos, interditados, escondidos, pouco receptivos. Ou seja, precisamos entender e, mais que isso, estudar e analisar como a mulher, representada na literatura, ocupa ou não seu espaço, como muitas mulheres gostariam de ocupar.

Nesse sentido, entendemos que os estudos literários possuem aspectos amplos para serem explorados, como esse componente narrativo tão importante: o espaço, visto que “a imagem isolada, a frase que a revela, o verso, ou às vezes a estância, ou a imagem poética que brilha, formam *espaços de linguagem* que uma topoi-análise deveria estudar” (BACHELARD, 2008, p. 12). Logo, o espaço é um ponto imprescindível dentro da análise literária para assimilar e interpretar as falas, bem como as ações das personagens de uma determinada narrativa, sejam elas personagens femininas ou masculinas.

Para este estudo, analisaremos a obra de Gustave Flaubert, *Madame Bovary*, publicada em 1857, que se mostra contemporânea, uma vez que expressa sentimentos múltiplos e intensos do ser humano, do passado ao presente, como as ilusões e, principalmente, a busca por uma possível felicidade. Esse romance foi o precursor do Realismo na França, de modo que se propôs a retratar diversas situações da sociedade burguesa, abordando temas polêmicos para a época, como a infidelidade, o poder de escolha da mulher e o suicídio. A sua importância na literatura realista francesa se dá a partir de rupturas com o movimento romântico, representante de questões como as emoções, a subjetividade e o individualismo.

Assim, partindo do pressuposto de que na análise de um romance realista, o espaço só é preenchido pelas personagens, entendemos que esse componente narrativo precisa também ser analisado, pois são as movimentações destas que dão sentido às reflexões pretendidas pela obra. Para tanto, acreditamos que a personagem feminina, especificamente nessa narrativa, é uma conjuntura importante a ser observada, pelas imposições aos comportamentos das mulheres, fato resultante dos posicionamentos patriarcais impostos pela sociedade não apenas na contemporaneidade, mas desde séculos passados.

À vista disso, a relação entre o espaço e as personagens da narrativa é desenvolvida de tal forma que “o espaço convida à ação, e antes da ação a imaginação trabalha” (BACHELARD, 2008, p. 31), ou seja, as atitudes são influenciadas pelo lugar em que são expostas. Além disso, analisaremos os espaços explorando os conceitos de heterotopia de Michel Foucault, uma vez que “cada *heterotopia* tem uma função determinada e precisa na sua sociedade” (FOUCAULT, 1967, p. 81). Assim, poderemos identificá-las e compreender as formas que elas se relacionam e interferem na construção do enredo.

A personagem que será analisada encontra-se no espaço da casa, que para Bachelard (2008) representa aconchego, proteção. Porém, ela não se identifica com esse lugar, pelo contrário, ela está em um não lugar, uma heterotopia do feminino, já que no contexto da época, o casamento constitui um espaço impositivo às mulheres. No caso de Emma Bovary, o espaço do enlace matrimonial seria uma alegria, como ela teria idealizado anteriormente. Todavia, passa a ser uma das causas da infelicidade da personagem. Destarte, é possível analisar essa situação da mulher, de maneira que

a jovem apresenta-se, pois, como absolutamente passiva; ela é casada, dada, em casamento pelos pais. Os rapazes casam-se, resolvem casar. Buscam no casamento uma expansão, uma confirmação de sua existência mas não o direito mesmo de existir: é um encargo que assumem livremente [...] isso é para eles um modo de vida apenas, não um destino. É-lhes permitido preferir a solidão do celibato, alguns casam-se tarde ou não se casam. (BEAUVOIR, 1967, p. 168-169).

Logo, nessa narrativa, conseguimos analisar dois pontos importantes: o papel da mulher perante à sociedade da época, esposa, mãe, dona de casa, que poderia dedicar o seu tempo somente ao marido, sem ser capaz de viver a sua vida como gostaria; e, em contrapartida, o posicionamento de Emma Bovary, que destoa do que era esperado, ultrapassando a fronteira da utopia do feminino idealizado pela sociedade, para chegar a uma heterotopia, um lugar marginalizado: o adultério, a traição. Nesse sentido, analisaremos a construção dessa personagem por meio do espaço em que ela se encontra e aprofundaremos nossas análises com auxílio de algumas autoras que embasam de forma consubstancial o pensamento crítico dos séculos XX e XXI sobre as mulheres de todos os tempos, como Simone de Beauvoir, Virginia Woolf, entre outras.

2. CONTEXTO HISTÓRICO E O REALISMO FRANCÊS

Gustave Flaubert (1821 – 1880) foi um escritor francês, considerado um dos principais representantes do Realismo na França do século XIX. Nascido em Rouen, criado em uma família burguesa, era filho do cirurgião-chefe do hospital Hôtel-Dieu, próximo ao lugar em que moravam.

O romancista se interessou muito cedo pela leitura, escrita e teatro. Ingressou na oitava série do Colégio Real de Rouen em 1832 e, três anos depois, criou um jornal no colégio, chamado *Arte e Progresso*. Este contava com a colaboração de seu melhor amigo, Ernest Chevalier (1820 – 1887). Com apenas 16 anos, escreveu sua primeira obra autobiográfica, *Memórias de um louco*, que, além de ter como figura principal o próprio autor, o descreve louco em virtude, inserido em uma sociedade dominada pelo egoísmo e alienada pelas suas crenças.

Flaubert viajou ao Oriente no final de 1849, passando por países como Turquia, Grécia e Itália. Retornou à França em 1851, e em 1856 publicou o romance *Madame Bovary* na *Revue de Paris* entre os meses de outubro e dezembro. Esse romance, considerado uma das principais obras do Realismo Francês, narra a história de Emma Bovary, uma mulher charmosa que se casa com um médico chamado Charles. Emma tinha o gosto pela leitura de obras românticas, uma das poucas ocupações intelectuais às quais as mulheres dessa época tinham direito. Todavia, a personagem começou a fantasiar sua vida com as belas histórias de amor encontradas nos livros, o que fez com que seu padrão de relacionamento romântico fosse muito acima do que era retratado na realidade. Essa romantização trouxe uma espécie de decepção da personagem com a sua própria existência, com uma amargura que evolui durante a narrativa. Apesar de suas visões idealistas e românticas, os fatos não se desenrolam do jeito que a jovem acredita, o que faz com que a proposta realista da obra seja vista como um drama e, ao mesmo tempo, uma história otimista e pessimista, bela e feia. Nas palavras de Proust (2020), o escritor foi responsável por uma literatura de ruptura, pois deu sentido ao romance de análise psicológica.

Em vista disso, *Madame Bovary* é um texto que discute sobre as realidades da vida, para que os leitores se situem sobre o que é, de fato, a vida, sem um olhar romântico. Além disso, Flaubert, um niilista, criticou todas as classes: interioranos e parisienses, homens e mulheres, apaixonados e céticos.

Apesar de ter sido um sucesso, a obra causou um escândalo na classe conservadora francesa, por conta de suas temáticas retratadas, como o adultério e o suicídio. Flaubert sofreu um processo no Tribunal de Paris por ofensa à moral pública e religiosa. O momento da narrativa em que Emma faz um passeio com o seu amante é um dos pontos que foram atribuídos às acusações, pois a personagem sai com o vestido amarrotado. Posteriormente, o escritor foi declarado inocente e, dessa forma, saiu do tribunal engrandecido.

O termo *realismo* possui uma significação ampla no âmbito artístico, além de ser ligado a questões filosóficas, como os conceitos de real e realidade, que se modificaram durante os anos. Um de seus sentidos se relaciona à existência objetiva de ideias ou formas independentes dos objetos em que são percebidos, de modo platônico. Porém, esse significado se perdeu e se tornou uma palavra nova, conceituando como uma representação do real. Concentra-se, então, em “mostrar as coisas como realmente são”, fato que envolve ideologias, mentalidades, contexto histórico, etc.

Nesse sentido, é primordial discutir sobre a questão da *mimesis*, cuja tradução aproxima-se da ‘representação’ e não da ‘imitação’ da realidade. Aristóteles, em *Poética*, expõe que “a *mimesis* é encarada como fato cuja classificação se dá a partir de suas aplicações e das especificidades dos vários gêneros e subgêneros da literatura, estabelecendo um nexo de base para a discussão a respeito da relação entre a arte e o real” (PELLEGRINI, 2008, p. 141). Ou seja, o movimento realista busca uma forma de retratar a sociedade da maneira mais próxima possível daquilo que ela verdadeiramente é, sem imitá-la. Dessa forma, Aristóteles não usa o princípio da ‘verdade’, e sim da ‘verossimilhança’, sendo este capaz de organizar e de estabelecer regras de composição, para que a arte possa representar, com caráter construtivo, bem como produzir reflexões acerca de determinada representação. Portanto, as coisas e a linguagem em que elas são representadas são diferentes, de maneira que “o realismo não pode ser [...] a cópia das coisas, mas o conhecimento da linguagem; a obra mais ‘realista’ não será a que ‘pinta’ a realidade, mas a que, servindo-se do mundo como conteúdo [...], explora o mais profundamente a realidade irreal da linguagem” (BARTHES, 1964, p. 164).

Para explorar a representação da realidade, é necessário haver uma mediação entre o real e a linguagem, de maneira que esta “pretende descrever um processo ativo, que não se limita a simples reconciliação entre opostos, dentro de uma totalidade. Ou seja, não se pode pretender encontrar realidades sociais *refletidas diretamente* na arte” (PELLEGRINI, 2008, p. 141-142). Por meio desse processo de mediação, há modificações no seu conteúdo original, envolvendo questões ideológicas de base. Além disso,

é necessário considerar, entretanto, que a importância histórica ligada à questão do realismo é inegável, repousando, em última instância, no fato de que ele faz a realidade física e social (no sentido materialista do termo) a base do pensamento, da cultura e da literatura; seu surgimento está relacionado também à íntima conexão - sobejamente traçada por filósofos e historiadores -, de seus pressupostos básicos com o abandono da crença em valores transcendentais, ou seja, com o “desencantamento do mundo” iluminista (PELLEGRINI, 2008, p. 139-140).

Os primeiros indícios do Realismo surgem a partir do século XIX, após a fundação da filosofia positivista de Auguste Comte, que teve grandes influências sobre o movimento realista. Essa corrente diz respeito à concepção do mundo de uma forma científica, propondo a apreensão da realidade como objetiva, empírica, conforme os procedimentos de análise das ciências naturais. O seu maior ideal, o progresso, só seria alcançado pela ciência.

Para mais, a Europa vivia momentos históricos como a Revolução Francesa em 1789, e o início da Primeira Guerra Mundial em 1914, o que contribuía para um desenvolvimento cultural, social e tecnológico. Ademais, a ascensão burguesa francesa realizou diversos avanços no campo das artes e da literatura, fato que fez com que a Europa fosse considerada um continente superior aos outros.

A partir desse viés de superioridade intelectual e cultural, o movimento literário realista manifesta-se em oposição ao Romantismo. Enquanto este buscava retratar a subjetividade, a idealização do amor e o sentimento nacionalista, aquele descrevia a sociedade e as relações humanas por meio de um olhar muito mais próximo e objetivo da realidade. Desse modo, “o realismo foi compreendido como um modo de representar com precisão e nitidez os detalhes de um *quotidiano burguês*” (PELLEGRINI, 2008, p. 138), essencialmente com caráter de denúncia social. Os autores realistas descrevem o psicológico das personagens por meio de ações durante o enredo, e não por seus sentimentos, contrário aos românticos.

Nesse sentido, esse romance se insere naquilo que chamamos de ruptura com o estilo precedente. As subjetividades românticas dão lugar à crítica ao social e ao papel construído por cada homem/mulher na sociedade. Por essa razão, as descrições psicológicas e comportamentais de cada personagem são a base para compreender essas narrativas, que aliadas ao espaço dão sentido mais amplo ao estudo literário de cada romance.

3. ESPAÇOS LITERÁRIOS E A CONSTRUÇÃO DA PERSONAGEM FEMININA

A personagem, Emma Bovary, “nos é apresentada aos poucos. Entra em cena no segundo capítulo. Mas o estilo indireto livre, com poucos diálogos, quase nada nos faz saber dela, sua personagem é um enigma” (MORETTO, 2009, p. 71), ou seja, trata-se de uma personagem misteriosa, sem muitos detalhes expostos no início do texto, o que faz com que se desperte o interesse acerca de sua personalidade e do seu psicológico. Para mais, ela “recebeu uma educação por demais romântica, que se casa sem amor, que se perde em idealismos, amantes e dívidas” (MORETTO, 2009, p. 70). Dessa forma, podemos partir das observações da construção da personagem feminina, que inspirada por um ideal romântico casa-se e se vê num espaço aquém de suas expectativas - uma das razões de querer fugir disso, seja com seus amantes, seja em seus devaneios.

Além disso, o espaço em que esses acontecimentos se desenrolam são de extrema importância para a compreensão de ações do enredo, percebendo-se, então, que

a literatura consegue, por meio de estratégias estéticas, representar mistérios concernentes a conceitos paralelos como: a vida e a morte; a razão e a loucura; o real e o fantástico; o estado de vigília e de sonho. E cada uma dessas manifestações configura-se como um espaço literário [...] (SANTOS, 2017, p. 5).

Assim, a partir das análises dos espaços literários, é possível desenvolver uma relação entre elementos, como os pensamentos e acontecimentos de uma narrativa, e os lugares em que eles ocorrem, além da conjunção entre estes e a maneira em que são expostos na literatura. A escolha dos espaços não é por acaso, visto que estes podem receber as ações e sentimentos apresentados pelas personagens ao longo do romance.

No decorrer do enredo, identifica-se a imposição do casamento à Emma, não por seu pai, mas sim pela sociedade vigente daquele momento, uma vez que para a mulher

o casamento é destinado a defendê-la contra a liberdade do homem: mas como não há nem amor nem individualidade fora da liberdade, a fim de se assegurar para sempre a proteção de um macho, ela deve renunciar ao amor de um indivíduo singular. (BEAUVOIR, 1967, p. 175-176).

Indo ao encontro dessa análise de Simone de Beauvoir, inferimos que a sociedade burguesa daquela época determinava, de alguma forma, a necessidade de se casar, resultando em uma renúncia da liberdade e do poder de escolha da mulher, submetendo-a ao amor de um homem e garantindo o dever de satisfazê-lo, omitindo muitos de seus desejos acerca da vida.

Destarte, podemos analisar, ainda, a relação do espaço com a posição da mulher, que se torna evidente a partir de indícios de que a personagem não está feliz com o seu casamento, que acabara de ser realizado, como mostra o trecho:

Antes de se casar, ela pensara ter amor, mas como a alegria que deveria ter resultado daquele amor não apareceu, só podia ter se enganado, pensava. E Emma buscava saber o que significavam exatamente, na vida, as palavras *felicidade*, *paixão* e *embriaguez*, que tão belas lhe pareciam nos livros. (FLAUBERT, 2020, p. 42).

Emma buscava um amor “irreal”, idealizado em seus sonhos e, encontrou o “real”, ou seja, ela não conseguiu construir esse amor com Charles. Pelo contrário, preferiu buscar em outros espaços essa possibilidade de amor, antes vista em seus sonhos.

Nessa perspectiva, o espaço literário da casa se torna extremamente marcante, visto que “a casa é uma das maiores (forças) de integração para os pensamentos, as lembranças e os sonhos do homem” (BACHELARD, 2008, p. 26). Porém, ela não se encontra e não se identifica nesse lugar sem lugar, que se configura como um espaço heterotópico, sendo notável a partir de pensamentos e desilusões da personagem após se casar com Charles. Assim, o infortúnio de Emma Bovary é percebido dentro do espaço da casa, sendo esse um lugar em que ela realiza reflexões acerca de sua vida de casada e, ao mesmo tempo, transgredir seus desejos, pois não é o lugar em que ela gostaria de estar, visível na passagem: “passou a sentir aversão pelo campo e saudade do convento. Quando Charles veio a Bertaux pela primeira vez, ela considerava-se muito desiludida, não tendo mais nada a aprender, não tendo mais nada para sentir.” (FLAUBERT, 2020, p. 48). Nesse caso, a casa onde viviam, ou mesmo, o espaço do casamento pode se transformar em uma prisão, diferentemente do que Bachelard aponta como lugar de aconchego e, nesse ponto, encontramos um paradoxo.

Por esse viés, entendendo que os sentidos dos espaços podem ser contraditórios, justamente pelas ações das personagens. Logo, abordaremos esse espaço pelas definições que Foucault aponta a respeito das heterotopias.

Há, igualmente, e isso provavelmente em qualquer cultura, em qualquer civilização, lugares reais, lugares efetivos, lugares que são delineados na própria instituição da sociedade, e que são espécies de contraposicionamentos [sic], espécies de utopias efetivamente realizadas nas quais os posicionamentos reais, todos os outros posicionamentos reais que se podem encontrar no interior da cultura estão ao mesmo tempo representados, contestados e invertidos [...]. (FOUCAULT, 1967, p. 415)

São enunciados seis princípios para a classificação destas, considerando seu caráter universal e local de tais espacialidades. Em *Madame Bovary*, destaca-se o primeiro princípio, que diz respeito às heterotopias de desvio, “lugares onde são depositados aqueles que infringem as normalidades prescritas pela sociedade” (COELHO, 2010, p. 280). Portanto, as condutas da personagem são pontos importantes a serem observados, justamente por fugir ao

que era considerado esperado à sociedade retratada na narrativa, devido à infelicidade da jovem com o seu casamento e, principalmente, ao adultério cometido pela mesma, quando é descrito na passagem em que Emma se envolve com o seu amante, Rodolphe:

Ela repetia para si: “Tenho um amante! Um amante!”, deleitando-se com essa ideia, como se fosse uma nova puberdade que lhe estivesse acontecendo. Possuiria enfim aqueles prazeres de amor, aquela febre de alegria pela qual sempre se desesperara? Começava algo maravilhoso em que tudo seria paixão, êxtase, delírio; uma imensidão azulada a cercava, os cumes do sentimento cintilavam sob seu pensamento e a existência ordinária não aparecia senão ao longe, lá embaixo, na sombra, entre os intervalos daquelas alturas. (FLAUBERT, 2020, p. 160).

A partir da análise de alguns trechos, é possível inferir a existência de uma heterotopia de desvio, uma vez que esta identifica a posição em que “os indivíduos, cujos comportamentos são desviantes em relação à norma ou média necessária, são colocados” (FOUCAULT, 1967, p. 81). Dessa forma, o comportamento adúltero da personagem e uma possível felicidade quanto a esse acontecimento se constrói como um espaço heterotópico de desvio, por ser o contrário do que se era esperado da mulher no século XIX, considerando a forma em que elas eram criadas, a fim de casarem-se e serem esposas dedicadas ao marido.

Para mais, entendemos que, naquela época, o papel feminino era restrito aos cuidados da casa, dos filhos e de submissão, acentuando que

o trabalho que a mulher executa no interior do lar não lhe confere autonomia; não é diretamente útil à coletividade, não desemboca no futuro, não produz nada. Só adquire seu sentido e sua dignidade se é integrada a existências que se ultrapassam para a sociedade, na produção ou na ação: isto significa que, longe de libertar a matrona, ele a coloca na, dependência do marido e dos filhos; é através deles que ela se justifica: em suas vidas ela é apenas uma mediação inessencial. (BEAUVOIR, 1967, p. 209).

Assim, a vida das mulheres que se casavam se limitava somente à função de servir aos homens, imposição reforçada no marco da Revolução Francesa, em que elas eram “excluídas por meio do documento ao acesso do espaço público” (PASTORINI, 2021, p. 49-50) por meio dos direitos que foram estabelecidos nessa época. A heterotopia de desvio é estritamente relacionada à visão da mulher na narrativa, uma vez que a personagem foge aos padrões impostos pela sociedade. Ora, esse espaço heterotópico desviante torna-se, também, um aprisionamento da mulher, visto que essa não possui liberdade de escolha sobre a sua própria vida, como em uma prisão. Considerando esse espaço completamente deslocado, é possível perceber que este não representa apenas o físico, mas também o psicológico de Emma Bovary durante o desenvolvimento do enredo. A partir do momento em que ela toma consciência de que não está feliz com o casamento que tanto desejava ter, ela começa a realizar reflexões acerca da sua individualidade e do seu lugar, como mostra o trecho: “Talvez tivesse desejado confiar todas aquelas coisas a alguém. Mas como um mal-estar inacessível, que muda de

aspecto como as nuvens, que redemoinha como o vento? Faltavam-lhe as palavras, a ocasião e a ousadia.” (FLAUBERT, 2020, p. 48).

No início do matrimônio, surgem esses pensamentos que expõem que, de fato, os sentimentos e as vontades dessa mulher, muitas vezes, eram pouco considerados naquele contexto e, portanto, não haveria uma pessoa com quem ela pudesse desabafar sobre o seu desconforto e a sua infelicidade.

Outrossim, é significativo destacar a visão feminina perante à sociedade e, sobretudo, aos homens, de modo que

em todos esses séculos, as mulheres têm servido de espelhos dotados do mágico e delicioso poder de refletir a figura do homem com o dobro de seu tamanho natural. Sem esse poder, a Terra provavelmente ainda seria pântano e selva. As glórias de todas as nossas guerras seriam desconhecidas. Estaríamos ainda rabiscando os contornos de cervos em restos de ossos de carneiro e trocando lascas de sílex por peles de carneiro ou outro qualquer ornamento singelo que agradasse a nosso gosto não sofisticado. Super-Homens e Dedos do Destino jamais teriam existido. O czar e o cáiser nunca teriam portado ou perdido coroas. Qualquer que seja seu emprego nas sociedades civilizadas, os espelhos são essenciais a toda ação violenta e heróica. Eis por que tanto Napoleão quanto Mussolini insistem tão enfaticamente na inferioridade das mulheres, pois, não fossem elas inferiores, eles deixariam de engradecer-se. (WOOLF, 1985, p. 45).

Analisando de forma crítica essa analogia do espelho, é possível observar que no contexto histórico, político e filosófico de *Madame Bovary*, a voz da mulher é silenciada para que apenas as emoções e os anseios do homem sejam expostos, fato que reflete na realidade em que vivia a sociedade do século XIX, pois não haveria essa visibilidade exacerbada do homem sem que houvesse um apagamento da mulher.

Compreendemos que a postura de Charles e o olhar daqueles à sua volta era de uma pessoa que possuía conhecimento e desejos quando, na verdade, isso não era passado à Emma, o que se transforma em um paradoxo. Logo, o comportamento do homem diante à coletividade possuía mais importância do que aquele demonstrado à individualidade, ou seja, à mulher. Charles era visto como sábio, mesmo que fora do público não fosse verdade, enquanto Emma era considerada como uma aprendiz de sua intelectualidade.

Nesse viés, entendemos que a mulher era colocada à parte e que na, maioria das vezes, apenas os homens tinham o direito de fala diante de seus pares. Numa sociedade patriarcal como na França do século XIX, observamos que o papel da mulher é limitado e controlado e aquelas que fogem a essa dominação encontram-se no desvio da sociedade, numa heterotopia feminina, uma vez que o espaço ocupado por elas não é mais o esperado e sim, o marginalizado. Emma Bovary trai, mente e morre, num trágico encadeamento narrativo, conseguindo assim, escapar da “prisão” onde a colocaram.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Recuperando as reflexões realizadas durante esse trabalho, é possível afirmar que, mesmo sendo perspectivas de uma realidade do século XIX, nos encontramos ainda próximos frente a discussões pertinentes à posição da mulher na sociedade vigente.

Por muitos anos, e até hoje, o lugar da mulher é um ponto de discussão de grande relevância, pois mesmo diante de revoluções e momentos históricos marcantes, os direitos e a liberdade das mulheres não eram levados em consideração. Dentro do campo literário, havia muitas narrativas sobre o homem, suas grandes conquistas e até mesmo as suas emoções, enquanto as questões femininas eram deixadas de lado. As mudanças começaram a aparecer por volta do século XIX após a Revolução Francesa, momento histórico em que as mulheres ficaram de fora do estabelecimento de direitos políticos e sociais. A partir disso, tornou-se necessário a exposição de garantia destes, uma vez que foi se construindo a possibilidade da mulher ocupar esse espaço. Ademais, a sua liberdade de escolha também foi colocada como um ponto importante, fato que refletiu no enredo da obra selecionada para essa discussão.

Em vista disso, as possibilidades de análise da personagem feminina e os espaços heterotópicos em que ela ocupa neste romance são um caminho possível para refletir a maneira em que as mulheres são colocadas na sociedade. Os espaços em que estas ocupam, físicos e psicológicos, são de extrema importância para a compreensão de suas ambições, pensamentos e comportamentos, uma vez que, por tantos anos, foram e ainda são calados em comparação àqueles do homem.

REFERÊNCIAS

AIDAR, Laura. **Realismo**. Toda Matéria, [s.d.]. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/realismo/>. Acesso em: 30 out. 2023.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BARTHES, Roland. *Essais critiques*. Paris: Editions du Seuil, 1964.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. 2ª ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.

BRANDINO, Luiza. **"Realismo"**; *Brasil Escola*. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/literatura/realismo.htm>. Acesso em: 15 jan. 2024.

CANDIDO, Antonio. **Realidade e realismo**. In: Recortes. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CAPUCHO, J. P. **"Memórias de um louco", uma singular pegada autobiográfica de Gustave Flaubert**. Disponível em: <https://comunidadeculturaearte.com/memorias-de-um-louco-uma-singular-pegada-autobiografica-de-gustave-flaubert>. Acesso em: 14 dez. 2023.

COELHO, Lilian Reichert. **Espaço, literatura, sociedade e política: um escritor no limiar de si contra o Leviatã contemporâneo**. Raído - Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFGD, [S. l.], v. 4, n. 7, p. 277-302, 2010. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/Raido/article/view/602>. Acesso em: 18 out. 2023.

FLAUBERT, Gustave. **Madame Bovary**. L&M Pocket, 2020

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as Coisas**: Uma arqueologia das ciências humanas. 8ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FOUCAULT, Michel. **De outros espaços**. Cercle d'Études Architecturales. 1967. Disponível em: https://historiacultural.mpbnet.com.br/pos-modernismo/Foucault-De_Outros_Espacos.pdf. Acesso em: 02 out. 2023.

GLOBALIVROS; **O livro da Literatura**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Globo S.A, 2018.

MORETTO, Fulvia M. L. **Madame Bovary de Gustave Flaubert**. 2009. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/lettres/article/view/2033>. Acesso em: 10 nov. 2023.

PASTORINI, Vanessa. **Mulheres francesas do século XIX**. Albuquerque: revista de 96 história, Aquidauana-MS, v. 13, n. 26, p. 47-66, dez. 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/AlbRHis/article/view/14405>.

PELLEGRINI, Tânia. (2008). **Realismo: postura e método**. *Letras De Hoje*, 42(4). Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/4119>. Acesso em: 15 jan. 2024.

SANTOS, Marli Cardoso dos. **O espaço onírico na obra de Machado de Assis: O sonho como atopia e acronia**. Novas Edições Acadêmicas, 2017.

SOUZA, Warley. **"Gustave Flaubert"**; *Brasil Escola*. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/literatura/gustave-flaubert.htm>. Acesso em: 18 out. 2023.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE LETRAS E LINGUÍSTICA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS: FRANCÊS E LITERATURAS DE LÍNGUA FRANCESA



ANEXO 2

DECLARAÇÃO DE AUTENTICIDADE

“Eu, Ana Luiza Gonçalves Ribeiro, declaro para todos os efeitos que o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado Heterotopias do feminino: o (não) lugar de Emma Bovary na sociedade patriarcal foi integralmente por mim redigido, e que assinalei devidamente todas as referências a textos, ideias e interpretações de outros autores.

Declaro ainda que o trabalho nunca foi apresentado a outro Curso e/ou Universidade para fins de obtenção de grau acadêmico.”

Uberlândia, 25 de abril de 2024.

Assinatura do(a) aluno(a)

Ana Luiza Gonçalves Ribeiro